

UM CADAVER À MESA

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Por Samuel Hopkins Adams Autor de «Revelry», «It Happened One Night», etc.

Ouvi pela primeira vez, há uns trinta e cinco anos, durante uma excursão pela montanha, a história dos dois homens unidos pela neve. Utilizei o tema, àquele tempo, num breve conto que publiquei. Tentei em vão, desde então, descobrir-lhe a misteriosa origem; nunca me foi possível conseguir qualquer indicação satisfatória.

UMA IMPREVISTA tempestade de neve, como as há, por vezes, no mês de outubro, surpreendeu desprevenidos a dois guias, em pleno coração das montanhas de Adirondacks, ao norte de Nova York. Eram eles Charles Carney e Stephen Estelow, amigos íntimos e antigos companheiros de trabalho. Durante o dia inteiro, tiveram de enfrentar selvagememente a neve, o gelo, e o vento ríspido e cortante. Estelow, mais moço e vigoroso do que Carney, procurava amparar o companheiro, cuja resistência moral e física já vinha um tanto gasta pelos anos.

Súbito, quando ia declinando a luz do dia, lançou Estelow um grito de esperança. Cortando a escura bruma que os cercava, uma linha de prata desenhou-se claramente no espaço.

—O fio! O fio telegráfico!

—É; mas para onde? E a que distância daqui? gemeu Carney.—Prefiro deitar-me na neve, e dormir.

—Não. Vamos para diante! reagiu Estelow.—Deve ser o fio telegráfico instalado durante a primavera pelos inspetores do governo; vai da cabana destes, ao ponto terminal da estrada de ferro, em North Creek. Agora, é só galgarmos a montanha. Venha!

Entre protestos e rogos, foi arrastando o companheiro através do bosque e, após meia hora de luta, chegaram, finalmente, à porta da cabana. A sorte começara a protegê-los. Não faltava lenha para um bom fogo. Algumas espigas de milho, já secas, jaziam, esquecidas, a um canto da prateleira. Um porco espinho, amedrontado pela tempestade, grunhia de pavor ao pé de uma árvore vizinha. Estelow, sacando do revólver, deu-lhe um tiro certeiro. Estava, portanto, afastado o perigo da fome. Carney no entanto adoecera, estando àquela altura a arder em febre. Estelow, depois de acender o fogareiro, fez com que o seu amigo se recolhesse à cama, no quarto interior da cabana. A manhã seguinte, já o doente apresentava melhoras. O aparelho telegráfico lhes traria decerto a salvação, pois Carney sabia manejá-lo. Enfraquecido embora como estava, pela noite de angústia e sofrimento, arrastou-se este até à mesa, e pôs a funcionar o transmissor. O telegrafista de North Creek, ao receber uma chamada de Lonely Hill, julgou que tinha enlouquecido. A transmissão era hesitante, mas perfeitamente inteligível. Anunciava que dois homens, um dos quais acometido de pneumonia, se tinham refugiado na cabana, ao alto da montanha. Deus que lhes desse auxílio — que auxílio, por enquanto,

lhes não podia vir do mundo. A tempestade redobrava de furor. Vinte e quatro horas depois, nova mensagem atravessava o fio. Esta, visivelmente transmitida por alguém que o delírio conturbava, dizia que a cabana fora cercada por terríveis monstros e anjos de asas brancas cujos olhos brilhavam através da tormenta. As palavras em Morse perderam-se, por fim, num borbórinho incoerente.

Estelow conseguiu arrastar novamente para a cama o seu pobre companheiro. Na manhã seguinte, durante os breves períodos de semi-lucidez, Carney logrou, diversas vezes, chegar de novo até à mesa, e, ligando o transmissor, repetir febrilmente os chamados em Morse. Mas a estação de North Creek já não lhe ouvia os trágicos apelos. A linha fora destruída pelas avalanches de neve e pela fúria do vento.

Ao cair da noite, Estelow, fazendo, uma vez mais, com que o amigo se deitasse, saiu a buscar lenha para o fogo. Regressando, encontrou Carney sentado em frente ao transmissor. Tinha, no rosto, uma expressão serena e grave.

«Steve,» disse calmamente, «acho que estou morrendo. Mas Steve,» pediu, erguendo para ele uns olhos súplices, devorados de febre: «Não me enterre senão quando tiver a certeza absoluta de que estou morto. Pode ser que eu caia num estado de coma que se assemelhe à morte.» E suplicou, de novo: «Não, Steve. Por favor, não me enterre vivo.» E as palavras morreram, num murmúrio. Estelow, com a voz comovida, fez-lhe a solene promessa de que tal não sucederia. Os acontecimentos que se seguiram àquela cena, anotou-os cuidadosamente no seu diário. Àquela noite, enquanto Estelow preparava um guisado, com o que restara do porco, o doente de súbito levantou-se da cama, arrastou-se para a mesa, e ali morreu, sentado, em frente ao aparelho telegráfico. Tomando-lhe o pulso, e auscultando-lhe a respiração, Estelow pôde averiguar que acabava, de fato, de perder o seu companheiro e amigo.

A rigidez cadavérica sobrevindo, algum tempo depois, comprovava a morte. Pôs-se Steve, portanto, a preparar o enterramento do amigo. Com uma pá, cavou-lhe a sepultura no alto de uma pequena colina, e, murmurando uma prece, recobriu o corpo de neve. Passou depois daquilo uma noite tremenda, percorrida de horríveis pesadelos. A certa altura despertou, sentindo-se enregelado, e atribuindo tal sensação ao suor frio de que se julgava inundado.

Ao levantar-se, de manhã, para reanimar o fogo na lareira, deu com Charles Carney, sentado junto à mesa, imóvel, mudo, olhos fixos no espaço.

Durante todo aquele dia, tomado de um terror indescritível, Estelow partiu a percorrer os arredores da cabana, em busca de alimento, sem ousar sequer tocar no misterioso cadáver. Ao cair da noite, recorrendo a toda a sua energia mental para vencer a angústia que lhe conturbava o espírito, levou, de novo, à sepultura o corpo de Charles Carney. Trouxera na sacola uma garrafa de brandy, que já estava pelo meio. Bebeu de um trago o que restava, e recolheu-se ao leito.

A manhã seguinte, para se por de pé, foi-lhe preciso um esforço sobre humano. Ali ficou, alguns minutos, junto à cama, tremendo da cabeça aos pés, antes de abrir a porta que levava à saleta.

Charles Carney lá estava, como dantes, sentado junto à mesa.

«Tentarei dominar-me até o fim», anota então Estelow, no diário. «Se ele voltar pela terceira vez, já sei qual há de ser a solução.»

Partiu, de novo, a percorrer os bosques, durante o dia inteiro, refletindo naquilo intensamente. Certo é que estava sendo vítima de alucinações terríveis. Sabia, porém, que não tinha enlouquecido. Talvez que toda aquela história não passasse de um longo pesadelo. Regressou à cabana, e abriu a porta bruscamente.

Charles Carney lá estava.

Aquela noite, depois do terceiro enterramento, Estelow, tomado de pavor, não se animava a deitar-se. Sentou-se finalmente junto à mesa, em frente à cadeira vazia do amigo, e procurou vencer o sono. A fadiga, porém, acabou por dominá-lo, e logo em seguida adormecia.

Despertou ao raiar a madrugada. Sob a luz frouxa e vacilante da manhã, viu que Charles lá estava, novamente, do outro lado da mesa, com os olhos fixos no espaço, como sempre.

«Deus que se compadeça de mim—eis a última frase que Estelow, depois disto, escreveu no diário.

A PATRULHA de socorro, composta de dois guias, um médico e Clark, o telegrafista de North Creek, chegou afinal à porta da cabana. Vinham todos cansados da subida, com suas grossas botas recobertas de neve. Não havia, em redor, o mínimo sinal de vida, nem mesmo um rolo de fumaça a escapar da chaminé. Causa estranha, da entrada da cabana à colina vizinha, várias pegadas humanas desenhavam-se nitidamente na neve. O médico empurrou a porta. Dentro um frio cortante e um silêncio profundo. Dois homens mortos se encontravam, sentados junto à mesa.

Ambos haviam recebido um tiro na têmpora. Estelow, curvado para a frente, mergulhava a cabeça numa poça de sangue coagulado. Carney, com o tronco ereto e direito, fixando os olhos nalgum ponto indefinido, tinha no rosto uma expressão serena.

«Assassínio e suicídio? » exclamou o telegrafista. «Pobres diabos?»

O médico, porém, examinara os dois corpos. «Não houve homicídio, » declarou tocando a fronte de Carney: «Como vêem, não há sinal de sangue em torno ao ferimento. O homem já estava morto, ao ser atingido pela bala. Morto e, se não me engano, enregelado. »

Os cinco membros da patrulha entreolharam-se surpresos. Um deles, encontrando o diário de Estelow, entregou-o ao médico. Este, tendo passado a vista no caderno, saiu a examinar as pegadas na neve. Ao regressar, acendeu o cachimbo, e, tendo refletido alguns momentos, observou, afinal:

«Meus amigos, em consideração às famílias dos mortos, peço a vocês que guardem segredo sobre o caso. Sou oficial de justiça. Declararei que Charles Carney e Stephen Estelow morreram em consequência do frio, da fome e das privações que sofreram. Compreenderam bem ?»

Os demais concordaram, acenando a cabeça, um após outro. Mas o telegrafista de North Creek disse então, numa voz trêmula:

«Eu só... dormirei melhor se souber o que houve. » «O que posso fazer,» disse o médico, «é registrar o fato. Se apurarmos que Estelow era sonâmbulo, então, não me terei enganado. Porque só encontro uma

explicação para o sucedido. Durante a primeira noite, numa crise de sonambulismo, Estelow desenterrou o corpo do amigo, pondo-o de novo na cadeira onde o vira morrer. Qual a razão que o fez agir assim ? Talvez um pânico nervoso – o horror da solidão em que ficara. Ao mesmo tempo, o desejo, ainda que inconsciente, de cumprir a promessa que fizera a Carney – a de somente o enterrar estando certo da morte. Além disso, tal motivo explicaria o tiro. Fosse lá como fosse, a exumação se deu segunda vez. Algum sutil instinto fez sentir a Estelow que devia esforçar-se por não dormir – porém a natureza foi mais forte. Recaiu no sono, e, novamente, o demônio do sonambulismo apoderou-se dele. E a terrível tensão nervosa dominou-o, por fim.»

O diário de Estelow foi queimado, e sepultaram-se os dois corpos num lago perdido na montanha.